



SANTOS, Jussara Pereira. **Gestão Ambiental em Bibliotecas:** aspectos interdisciplinares sobre ergonomia, segurança, condicionantes ambientais e estética nos espaços de informação. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2012.

Vivaldo Cordeiro

Jussara é bacharel em biblioteconomia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e mestre em Library Science pela Vanderbilt University, de Nashville, nos Estados Unidos. Foi Bibliotecária-documentalista do Sistema de Bibliotecas da UFRGS de 1960 até 1991. É professora adjunta do curso de Biblioteconomia da UFRGS desde 1986 e responsável pela Disciplina Gestão de Recursos informacionais.

Existem poucas referências bibliográficas para subsidiar os projetos de construções e reformas de bibliotecas, logo a obra organizada pela professora Jussara é um precioso material que agrega valor na tomada de decisão para bibliotecários, engenheiros, arquitetos e demais profissionais e pesquisadores.

Em 126 páginas o livro é dividido em onze capítulos assinados por bibliotecários, engenheiros, arquitetos e até consultor em dinâmica de cores. Na introdução a professora Célia Regina Simonetti Barbalho faz considerações sobre construção da relação homem-espaco, cita o arquiteto inglês Faulkner Brown que recomenda que os edifícios obedeçam dez exigências para melhor efetivar seu uso que são: ser compacta, adaptável, acessível, extensiva, variada, organizada, confortável, segura, econômica e conservada e salienta ainda que o uso da biblioteca não é intuitivo, mas aprendido.

A professora continua apresentando um quadro bem didático contendo os setores como zonas físicas da biblioteca indicando suas respectivas funções, requisitos, áreas e as recomendações gerais. Barbalho também ressalta que muitos projetos têm privilegiado a criação de áreas de vivências através de jardins internos, ou salões de leitura voltados pra uma grande área de janelas que privilegiam a visão de um bosque ou até a proposta de uma livraria e café.

Nessa perspectiva, enfatiza a autora, que muitos arquitetos têm privilegiado composições proporcionando a presença da natureza em bibliotecas reforçando o discurso ecológico do homem contemporâneo.

No segundo capítulo a arquiteta Tânia Marli Stasiak Wilhelms expõe um panorama geral sobre *ergonomia em bibliotecas* para que profissionais de bibliotecas possam conhecer e exercer suas tarefas em ambientes saudáveis, evitando acidentes e doenças. Explica que a análise ergonômica do trabalho deve ser realizada por profissional capacitado e para essa análise alguns assuntos e técnicas devem ser conhecidas e analisados como a *antropometria* que refere-se às medidas do corpo humano; a *biomecânica* que é o estudo das leis físicas da mecânica aplicada ao corpo e que permite estimar as tensões que ocorrem nos músculos e articulações durante os movimentos ou posturas; *posturas no trabalho* que é determinada de acordo com a tarefa desenvolvida e ou posto de trabalho; *mobiliário* que podem ser classificados de uso funcional como uma cadeira e não funcional que é a utilização do mobiliário que não sua função específica, como por exemplo, usar uma cadeira como escada.

A arquiteta ainda indica e recomenda no livro à utilização do mobiliário e sua duração, assim como também as recomendações de altura, nível, espessura, largura e bordas. Wilhelms ressalta as necessidades das condições ambientais como temperatura, umidade, acústica, iluminação, dentre outras, que devem ser adequadas às características psicofisiológicas dos trabalhadores pertinentes à natureza do trabalho a ser executado. A autora lembra que até as cores influenciam no desempenho das atividades e apresenta algumas orientações sobre o assunto. Parte interessante no livro é a que lembram os conhecidos fluxogramas, são destacados em *organização do trabalho* em que a arquiteta faz considerações sobre alguns aspectos da realização do trabalho como as normas de produção, modo operatório, exigência de tempo, ritmo de trabalho e conteúdo das tarefas.

No terceiro capítulo as bibliotecárias Maria do Rocio Fontoura Teixeira e Jussara Pereira dos Santos falam sobre *Leiaute de bibliotecas*, sobre a importância e imprescindível adequação do espaço entre as necessidades de informação dos usuários, serviços e os recursos disponíveis. Para as autoras a funcionalidade deve prevalecer sobre o efeito arquitetônico e a expectativa de expansão e desenvolvimento futuro são aspectos fundamentais que também devem ser previstos. E seguem, apontando para os princípios básicos do Leiaute que são: economia do movimento, fluxo progressivo, integração e flexibilidade. A seguir, contemplam os tipos de leiaute que são: leiaute em corredor, leiaute em espaço aberto, e leiaute panorâmico. Em seguida são elencados tópicos com a descrição e orientações sobre o projeto Leiaute com os objetivos e as diversas etapas.

O quarto capítulo é assinado pela bibliotecária Jussara Pereira Santos e pela arquiteta Tânia Marli Stasiak Wilhelms e fala sobre o *Programa de necessidades para construção, ampliação ou reforma de uma biblioteca* e de início alertam para as tarefas prévias à elaboração do projeto que dentre outras, indicam conversar com especialistas e, sobretudo conhecer plenamente o programa de necessidades da situação específica e o contexto em questão, e cabe ao bibliotecário fazer o arquiteto compreender as funções desempenhadas por uma biblioteca de modo que possa expressar no projeto a missão da biblioteca.

O quinto capítulo sobre *Condicionantes ambientais do projeto de bibliotecas*, os arquitetos Juan José Mascaró e Lucia Mascaró frisam que devem levar em consideração requisitos próprios das publicações impressas e do material em meio eletrônico e sua integração com as necessidades dos usuários. Informam que no Brasil predominam baixas altitudes com variedades quentes com médias superiores a 20°C e que na extensão do território brasileiro são medidas seis tipos de variações climáticas. Os autores seguem citando as variações climáticas com suas respectivas características e também apontam outros condicionantes no projeto como o conforto e isolamento térmico a ventilação e iluminação natural e por fim o conforto acústico.

Apesar de ser considerada em outros capítulos, a *iluminação* é tema específica no sexto capítulo escrita pelo engenheiro Gilberto José Corrêa da Costa e que segundo o autor, a iluminação deve ser definida como elemento que proporciona conforto aos usuários e a equipe da biblioteca, proporcionando a absorção de informações disponíveis em variados tipos de registros e suportes. O engenheiro elenca as características das lâmpadas incandescentes, fluorescentes, luminárias, acessórios como fotocélulas e luz do dia ou iluminação natural que para Costa, deve ser promovida e privilegiada nas bibliotecas, pois além de contribuir para a conservação energética, favorece a manutenção de uma luz variável que satisfaz a natureza psíquica do homem.

A *proteção contra incêndios em acervos* é tema do sétimo capítulo que de acordo com o engenheiro civil e de segurança do trabalho Alexandre Rava de Campos é de suma importância e que a equipe local precisa prevenir e atenuar as causas, pois o fogo pode ocorrer de forma repentina. A prevenção segundo Campos, antes de tudo, é uma questão de organização e educação que deve ser ampliando para todos os setores da instituição, inclusive estendido para as residências de cada pessoa. Indica, ainda, um conjunto de medidas para

evitar que ocorra um princípio de incêndio, e facilitar as operações de combate ao incêndio, caso ocorra.

A *segurança das edificações de bibliotecas contra inundações e ventos fortes* é tema do oitavo capítulo das bibliotecárias Carolina Fauth Vassão e Jussara Pereira Santos salientando que as construções devem ser planejadas rigorosamente com recursos arquitetônicos preparados para fazer face a acidentes, sendo o edifício de uma biblioteca a o invólucro de proteção do acervo. Frisam que é importante ter e deixar claro e bem definido o plano de emergência, assim como também atribuir responsabilidades e propor um plano de ação e de recuperação em caso de emergências. De acordo com as bibliotecárias o plano de ação preconiza alguns passos como: Avaliar os riscos e as condições físicas do terreno e do imóvel em si; verificar a existência de sistemas de segurança, tanto passiva como ativa, e se estão em plenas condições de uso, dentro do prazo de validade; verificar a vulnerabilidade dos objetos que compõem o acervo; considerar a vulnerabilidade administrativa, ou seja, se o acervo está no seguro e se possui inventário completo. Apresentam em seguida a técnica elaborada por Michael Trinkley para avaliação de riscos que se baseia na seguinte fórmula: $\text{risco} \times \text{vulnerabilidade} = \text{criticalidade}$.

A *cor na biblioteconomia e na Comunicação* é temática do nono capítulo assinado por Hanns-Peter Struck, consultor em dinâmica de cores que ressalta que as cores e suas tonalidades e intensidades em planos diferentes atuam de maneiras distintas sobre o homem. Struck diz que são quatro conceitos que a mente tem perante as cores, permitindo que elas modifiquem a sua influência sobre o homem e sua constante interação com o meio. Por conseguinte o gestor deve propor a melhor combinação de acordo com as características da biblioteca e seus usuários.

Para o bibliotecário Cristian Herrmann, responsável pelo décimo capítulo sobre a sinalização em bibliotecas, um bom sistema de sinalização deve permitir que se encontre o que se procura sem contratempos, além de facilitar o aprendizado da utilização dos recursos disponíveis. Herrmann realça ainda que nesse sistema deva ter um padrão de construção, de *design*.

No décimo primeiro e último capítulo as bibliotecárias Marília de Oliveira Santos e Jussara Pereira Santos falam sobre a *preservação dos suportes informacionais em bibliotecas*. As autoras salientam sobre a responsabilidade social do bibliotecário em relação à



preservação de suportes informacionais e nesse contexto ao combate aos agentes químicos, físicos e biológicos que constituem as três principais categorias responsáveis pela danificação e destruição dos livros, manuscritos e material multimídia.

É razoável dizer que a obra considera, portanto, que para uma boa gestão ambiental na construção e reforma de bibliotecas, os bibliotecários e demais profissionais envolvidos precisam interagir de forma integrada, concebendo e contemplando, sobretudo, uma visão holística dos variados recursos humanos e físicos para promover e tornar a biblioteca um ambiente saudável e harmonioso, propiciando e fomentando o desenvolvimento de um espaço de assimilação cognitiva e agradável relação homem-espaço.

Informações da Resenhista

Vivaldo Cordeiro

Bibliotecário Documentalista do Instituto Federal do Paraná – Bacharel em Biblioteconomia pela UFSC e Gestão Pública – UFPR/IFPR. Especialista em Psicopedagogia - ISULPAR e atualmente atua na coordenação de Educação à distância do Campus Curitiba.

E-mail: vivaldo.cordeiro@ifpr.edu.br



Resenha recebida em 24.06.2015